

Curso:

SUB-COMISSÕES:

EVENTOS:

A Sub-Comissão de Eventos continua promovendo palestras, conferências, seminários e grupos de estudos e mantém contato direto com os participantes de nosso grupo Formação em Psicanálise através de carta-comunicado mensal, enviado ao domicílio por correio. Na última carta-comunicado a comissão de eventos estabeleceu para cada um de nós participantes uma pessoa-contato, membro da comissão. Se alguém de seu conhecimento mostrar interesse em receber a carta-comunicado e só dirigí-lo a qualquer dos membros da comissão de eventos ou pessoa-contato.

PUBLICAÇÃO:

A comissão de Publicação ganhou dois novos membros participantes Arthur Filhou José e Fernanda Pinto Freire.

O colega Emir Tomazelli licenciou-se a pedido, para trabalhar no projeto de sua tese de mestrado.

Esta comissão continua aceitando trabalhos e comentários para os últimos números de 1992. Se alguém de seu conhecimento mostrar interesse em comprar ou assinar este Boletim, lembre-se a assinatura é aberta a quem desejar. Reafirmamos que assinaturas podem ser feitas diretamente na secretaria de Cursos com Beth, Célia e Christina - ou pelo correio no endereço, Rua Ministro Godoi, 1484 - sala 24 - CEP:- 05015/001 - So Paulo -SP.

O Boletim nº4 será distribuído em novembro de 1992.

Atividades:

A - CONFERÊNCIAS

Dia 08 de setembro (3ª Feira)

Dra. Heloisa ÓPice

"Adolescência em Winnicott".

Dia 22 de setembro (3ª Feira)

Dra. Felícia Knobloch

" Ferenczi"

Preço de cada evento : CR\$ 10.000,00

B- SEMINÁRIOS

" Terapia Familiar Sistêmica", sob a coordenação de Marília de Freitas Pereira e Clelia G. Maia. Os seminários acontecerão no Sedes, nas seguintes datas:

Agosto - 18

Setembro - 01, 15 e 29.

Outubro - 06, 20.

Novembro - 10, 24.

Inscrições com Didi, pelo telefone:- 813.5069.

Leituras:

O ESPAÇO DO AUTOR E A INSTITUIÇÃO

Suzana Alves Viana

Professora do Curso de Formação em Psicanálise.

Este trabalho, que ora apresento, foi escrito há dois anos para um encontro entre psicanalistas que iriam abordar o tema O Espaço do Autor e a Instituição; esse encontro acontecia no Centro de Estudos de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (CEPSI).

De lá para cá a instituição, enquanto lugar físico e geográfico, não mudou, mas mudou enquanto nome: hoje chama-se Formação em Psicanálise.

Entretanto, relendo este trabalho percebo que ele está atualizado. Como é possível?

Penso que a resposta está no fato de ter abordado a instituição, enquanto objeto interno do psicanalista, o qual tanto pode ajudá-lo a

mudar o nome da instituição, mudando seu sentido, como poderá fazer dela um espaço congelado frente ao qual a mudança de nome soa apenas como psitacismo ou ecolalia.

Quando me inclinei a pensar o tema que motivou aquele encontro, logo me ocorreu que a primeira instituição com a qual o autor se depara é a própria.

Este pensamento não era e não é fruto do acaso: aos poucos o percebi repetição e insistência do tema do qual me tenho ocupado: a *contratransferência*, tomada aqui na perspectiva da angústia transferencial do analista, e a possibilidade (ou não) de transcendê-la num ato criativo - o da interpretação ou da criação de uma linguagem para o analista.

Assim pude me aperceber do contexto ao qual me remetia a questão do espaço do autor e a instituição; ou seja, para mim o problema da relação entre o criativo e o que lhe resiste.

Tomando esta relação como o campo deste trabalho inscrevo-me, num primeiro momento, dentro de uma oposição entre o autor e instituição; oposição radical porque está impregnada da paixão que caracteriza a relação transferencial que vamos sempre encontrar como motor dessa oposição: a paixão transferencial narcísica.

Oposição necessária, nesse primeiro momento para que se possa constituir um autor, processo no qual um *ninguém* trava lutas consigo mesmo (com sua instituição) para se fazer emergir como um *alguém* - um autor - para se fazer transcender no texto que, ao mesmo tempo que lhe dá origem, o desfaz como ponto de fusão narcísica consigo próprio.

Ou seja, a obra de criação pela qual um *ninguém* se faz autor traz atrelada a si esta ambiguidade: eleita como forma de superação da mesmice e do repetitivo, seja nas formas ou nas idéias frescas, espontâneas e saborosas, engendra simultaneamente o fenômeno do duplo que anuncia a repetição daquilo do qual se quis afastar.

O duplo trabalhado por Freud em seus artigo *O Sinistro* é produto da procura narcísica da imortalidade, mas termina por se transformar na imagem da morte, provocando o sentimento da inquietante estranheza.

O fenômeno do duplo permite ler como num espelho todo o terror da incompletude, do finito, da morte, ao mesmo tempo que a tentativa de dissimulá-lo.

O trabalho criativo é a meu ver a forma de superação e não de negação, daquilo que é a instituição da fantasia de completude e de perfeição.

O contato do autor com sua obra acabada é, por um lado, o contato com o sentimento efêmero de completude narcísica e, por outro lado, o contato com uma obra que sendo dele, já não lhe pertence, o exterioriza e assim tira o véu de uma intimidade, põe a nu aquilo que ele - autor - não sabe explicar, mas que lhe provoca este efeito: o da inquietante estranheza; aquilo que deveria permanecer no escuro, vem à luz do dia, ingressa no social, no cultural, marcando para sempre o autor que para sê-lo é obrigado a renunciar a intimidade que o sonho garante.

Dentro do campo da Psicanálise Fédida articulou o sentimento de angústia transferencial do analista com a inquietante estranheza, entendendo-a como produto do retorno sobre o analista de aspectos que ele teria transferido sobre seu paciente.

Portanto, o social na análise corresponde a esse momento em que o analista exterioriza-se a seu paciente quando fala. E eu diria que seu trabalho de autor é então o de procurar uma linguagem para esta sensação inquietante que tal como na obra de arte permite de um lado a ultrapassagem do sentimento paralisante de angústia e, por outro lado, traz em si, marcado nesta linguagem, o sinal da dor que lhe deu origem: a dor da incompletude. Para chegar a isto o autor - quando pode sê-lo - terá desenvolvido uma outra relação com a instituição que lhe é própria: não mais de oposição ou de intimidação, mas de intimidade e até de cumplicidade. Terá desenvolvido um

espaço interno onde ele - autor - é antes de tudo um interlocutor, aquele com quem conversa sobre a obra que vai construindo.

O sinal desta capacidade amorosa é a inventividade e a criatividade que lhe é dado ter quando mergulha na disciplina repetitiva de enfrentar o *em si mesmo* - o que não muda e nem se transforma - lugar onde as palavras ecoam como se fossem as mesmas palavras que habitam os mesmos lugares para os ouvidos de sempre.

Este lugar procura arrastar o autor para a esterilidade, para o único lugar que lhe resta - o de ator - não do trágico e do épico, mas o ator da telenovela que repete o mesmo enredo por mais que o padrão globo se sofistique.

O ator do trágico, eu diria, é autor porque ao contar a história épica ele ocupa o lugar do narrador e ao ocupá-lo constrói a história: um ato inédito tem origem, em outras palavras, um ato de linguagem ou uma obra de arte.

O lado funesto do impedimento do processo criativo é justamente quando ocorre a institucionalização da completude, quando esta torna a lei em burocracia e assim desenvolve contra o autor um esmagamento sutil, de lenta violência, quase imperceptível. A condição de liberdade - o vôo livre - está dissimuladamente impedida na exigência de que ele - autor - alcance o objetivo final não explicitado, mas que corresponde ao desejo de morte da instituição sobre o autor. Enfim, quando prevalece o narcisismo.

Mas quando se pode ainda ser autor é porque a instituição pode ser contexto.

E, diria mais, pode ser um lugar de geração de autores que reconhecem no ato criativo a forma de eludir a instituição, quando esta pretende se fixar como lugar de auto-conservação e não de auto-erotismo.

HISTÓRIA DA PSICANÁLISE NA FRANÇA

- A BATALHA DO CEM ANOS

VOLUME I - 1885 - 1939

VOLUME II - 1925 - 1985

AUTORA: ELISABETH ROUDINESCO

EDITORA: JORGE ZAHAR EDITOR

Resenhado por: Solange Silva Barbosa.

Elisabeth Roudinesco, com formação psicanalítica e literária, cuja mãe é psicanalista, escreve a história da implantação e desenvolvimento da psicanálise na França num período de cem anos, de 1885 à 1985, tendo como referência a visita de Freud a Charcot em 1885, e a morte de Lacan em 1981.

No primeiro volume expõe a história da psicanálise entre 1885 à 1939, incluindo a descoberta da histeria, o movimento psicanalítico internacional, a psicanálise sendo introduzida em território francês e a primeira geração de psicanalistas franceses.

Inicia retratando a França do final do século XIX, a pré história da psicanálise e da psicoterapia, desde os primeiros estudos sobre a histeria, a magia, o magnetismo, a noção de influência, de telepatia, hipnose até a descoberta por Freud do inconsciente e da transferência.

Sua obra é extensa e detalhada. Os conceitos teóricos que vão surgindo ao longo da história, são descritos, discutidos e com indicações bibliográficas, constituindo um livro para conhecer alguns conceitos e de referência para ampliar conhecimentos. Seu relato é vivo e interessante na medida em que entremeia a história com a devida caracterização das personalidades apresentadas, o contexto sócio-político-cultural, as teorias literárias e filosóficas ilustrando o pensamento vigente na época. Mantém esse estilo de narrativa ao